

AS CIDADES E OS CONGRESSOS

Como sempre, a oportunidade de nos encontrar fora do nosso ambiente cotidiano nos guarda surpresas: algumas boas, outras nem tanto.

SANDRA GONZAGA E SILVA

MIGUEL CALMON DU PIN E ALMEIDA

Bogotá é uma cidade simpática, acolhedora, mas não é como o Rio de Janeiro que se abre à primeira vista toda oferecida e prosa de sua beleza. Nós, os cariocas, sabemos que isso é apenas o começo; depois as coisas não são tão fáceis assim. Todos temos nossos segredos. O inverno, por exemplo, é um dos nossos segredos. Fala-se muito do verão carioca, e com razão. Mas e os dias de inverno no Rio, o que dizer deles, da sua clareza, da temperatura amena? Bogotá não é assim oferecida, sem vergonha. Tem-se que se ter um guia, amigo de preferência, e alguma calma para ir pouco a pouco descobrindo seus segredos. Para dançar, o que dizer de um lugar chamado... esqueci o nome. Escrevo para minha amiga colombiana, Hilda Botero, editora da Revista Colombiana de Psicoanálise, pedindo sua ajuda para lembrar o nome do lugar e ... Hola Miguel, qué bueno una nota rumbera en el congreso. La casa "matriz" se llama El Goce Pagano, es en el centro de la ciudad, más difícil la trasnochada allí... Pero la noche del sábado fuimos a bailar a la sucursal del Goce en el sector más cercano y se llama Salomé Pagana, Son, Cumbia, Salsa, Currulao, Mambo... ni te cuento la bailada que tuvimos, salimos felices, me gané, además, una boleta para la presentación de una orquesta de Son... para qué te cuento de lo que te perdiste, fue maravilloso el "Remate de Congreso" . Estimada Hilda, obrigado por me lembrar do nome do lugar: "El Goce Pagano", grande nome!! e por me fazer saber do que perdi. Para conhecer, o que



Museu do Ouro, Bogotá

dizer de uma Catedral de Sal? ou de avenidas que recortam a cidade pelo alto das montanhas - aliás, quem sabe a diferença entre "carrera" e "calle"? ou das ladeiras da Candelaria? do Museu Botero? do Museu do Ouro? Bogotá foi também personagem do Congresso da Fepal. As cidades são sempre personagens nos encontros. Por vezes diretamente implicadas, por vezes como moldura, ajudam a compor o clima onde os encontros se dão.

Desta vez, não foi apenas o congresso que me levou para tão longe. Nosso colega gaúcho Ruggero Levy me convidou para participar de um grupo de trabalho nos dias que antecediam ao congresso e eu aceitei. Valeu a pena. Fiz um breve relato de minha experiência para a Revista Brasileira de Psicanálise e não me repetirei.

A experiência de ir a um congresso

sempre vale a pena. Até mesmo o encontro mais cotidiano fica diferente quando acontece fora do seu lugar de acontecer. É uma experiência bem interessante escutar aqueles que nos acostumamos a ver em nossa sociedade se apresentando fora dela. Somos outros; eles também. Participei de um grupo com psicanalistas de sete ou oito países latinoamericanos: eles tão outros; eu tão o mesmo. Havia muita animação pelos corredores em virtude da quantidade imensa de trabalhos apresentados - portanto, salas a serem descobertas em edifícios diferentes - assim como pela excitação dos colegas apresentadores.

Apresentar um trabalho em congresso é sempre uma experiência marcante em nossas vidas.

CONTINUA NA PÁGINA 5

LEIA SOBRE RENÉ ROUSSILLON

3

SESSÕES CLÍNICAS NA SBPRJ

4

EDITORIAL

Os textos de Miguel Calmon e de Lucia Palazzo na matéria de capa, falam muito bem daquilo que experimentamos quando vamos a Congressos fora de casa. São tantas as atrações e aprendizados nas salas e nas ruas e tão especial a possibilidade de estreitarmos laços fraternos, que o tempo vivenciado se expande e passada uma semana a sensação é de que já estamos viajando há mais de 15 dias.

Assim voltamos da Colombia exaustos e felizes, carregados de fotos, café, badulaques alguma ciência e muita saudade de lá e de nós, des preocupados e afeitos aos encontros.

Retornando à rotina há que arrumar espaço para acomodar o trabalho no consultório, as demandas pessoais e familiares e ainda ter fôlego para dar um pulo na David Campista e usufruir da sua programação.

René Roussillion, Renata de Bastos, Celmy, Ana Sabrosa, a atividade Controvérsias, os encontros culturais e mais Oscar, Wania, Gallego, Sonia Bromberger, Karla Loyo e suas resenhas. Confiram!

Em novembro encerramos o calendário científico. Fazendo parte das atividades, Fernanda Marinho nos dá notícia da visita do moçambicano Boia Efraime coincidindo com as comemorações do dia da Consciência Negra afirmando que: "Esta será uma oportunidade para pensarmos o preconceito, a psicanálise e sua prática e uma séria questão que nos diz respeito: as nossas crianças soldados do tráfico". Teremos também o Simpósio Anual do Instituto, cujo tema será "Setting analítico: situações clínicas" (ver encartes).

Na reunião do Fórum de Reflexão de 31 de agosto, o nome de Bernard Miodownik surgiu como candidato natural à sucessão de Pedro Gomes. Sua trajetória de intensa participação institucional tanto científica como administrativa, sua integridade e seu recente trabalho a frente do Conselho Científico o credenciam a dar continuidade ao trabalho da atual gestão e elaborar desenvolvimentos junto a nova chapa que começa a ser formada.

E agora é começar a pensar em nossa festa, que ninguém é de ferro e temos muito que comemorar!

Um abraço



Sandra
Gonzaga e
Silva, editora

Controvérsias

Poucos compareceram ao evento "Controvérsias 2", no dia 11 de Setembro, mas quem esteve presente pode desfrutar e sair comentando sobre o quão interessantes foram as apresentações de Claudio Campos Filho e Wilson Amendoeira sobre "A Instituição Psicanalítica".

O primeiro fez um resumo de toda a história das estruturas institucionais, mostrando como cada modelo estrutural foi sendo desenvolvido e as idéias que foram surgindo a partir deles, impulsionando a evolução dos mesmos até chegarmos ao "modelo aberto". Segundo este modelo, para sobreviver, é necessário haver uma grande porosidade para troca de saberes, tanto no que diz respeito ao contato entre diferentes instituições/ciências como ao contato entre os vários níveis dentro da própria instituição. O segundo apresentador falou principalmente da instituição psicanalítica: a IPA, a SBPRJ e a relação da IPA com suas consituintes. O rico material das duas apresentações estimulou uma instigante discussão sobre

dificuldades encontradas pela psicanálise e pelas instituições psicanalíticas em acompanhar avanços que a história vem sugerindo como importantes para a sobrevivência institucional. Entre tais dificuldades estariam os seus "mitos fundadores", como, por exemplo, a psicanálise como uma profissão isolada ou a crença de ser necessário manter um certo mistério em torno da pessoa do analista. A partir disso, ficou para todos nós refletirmos: seria possível acompanharmos algumas dessas mudanças desde que nos preocupássemos com a continuidade do método? O que seria exatamente, e de que forma poderíamos garantir, essa continuidade do método?

KARLA LOYO

Notas

Propis em Bogotá

O PROPIS se fez representar no Congresso em Bogotá, no Ateliê proposto para se discutir junto a outros trabalhos desenvolvidos na interface com o social, a questão da alteridade através desta nova forma de iniciativas com comunidades vulneradas, com um olhar e uma escuta psicanalíticas. Vários trabalhos foram apresentados: Wania Cidade apresentou o vídeo do evento "Rio: que cidade é essa? II"; Maria Teresa, junto com Pedro Wainer (estagiário da PUC-RJ) apresentaram o projeto no Morro dos Macacos, contando um pouco sobre a experiência vivida por eles; Eloá apresentou sua experiência no ambulatório em que trabalha em Pilar, Baixada Fluminense."

Maria Teresa Lopes

Biblioteca Virtual FEPAL

Em reunião durante o Congresso FEPAL em Bogotá, a Dra. Inês Vidal, AP-deBA, e a Dra. Silvia V. Pugliese, Psi-Argentina, apresentaram, para uma platéia composta por representantes da maioria das Sociedades que compõem a FEPAL, a Biblioteca Virtual em Salud - BVS, no item específico Psicanálise. Mostraram a grande infra-estrutura técnica já disponível e seu desejo de formar uma eficiente rede de distribuição do conhecimento. Um dos temas mais discutidos foi a questão dos direitos autorais e dos trabalhos que contêm material sigiloso, uma vez que se pretende que os autores autorizem sua divulgação. É intenção do Departamento de Biblioteca a filiação de nossa Sociedade, em breve. O link <http://bvs.bivipsil.org> permite acesso ao material já disponibilizado.

Claudio Frankenthal

EXPEDIENTE

CONSELHO DIRETOR 2009-2010

Presidente: Pedro Gomes de Oliveira Lopes Jr. Vice-presidente: Regina Murat

1º Secretária: Wania Maria Coelho Ferreira Cidade/ 2º Secretária: Luciana Carvalho 1º Tesoureira: Clara Saubenman/ 2º Tesoureira: Mariza d'Abreu/Diretor do Instituto: Aloysio d'Abreu/ Vice-diretor do Instituto: Sônia Eva Tucherman/ Secretária do Instituto: Ana Maria Sabrosa/Diretor do Conselho Científico: Bernard Miodownik/Secretária do Conselho Científico: Marly Álvares Dias/Diretora do Conselho Profissional: Leticia Tavares Neves/Secretária do Conselho Profissional: Ruth Naidin/Diretora da Clínica Social e Centro de Estudos Psicanalíticos: Anna Lúcia Melgaço/Secretária da Clínica Social e Centro de Estudos Psicanalíticos: Eunice Raposo Deptº de Publicação, Biblioteca, Arquivo e Divulgação Diretora: Sandra Gonzaga e Silva/ Secretária: Sonia Cecilia Bromberg Deptº de Difusão da Formação Psicanalítica Diretora: Jane Kezern/Secretária: Nazli Faraj Sasson/Site: Nazli Faraj Sasson

REVISTA TRIEB

Editores: Fernando Rocha, Marci Doria Passos e Viviane Frankenthal/Assessora Editorial: Munira Aiex Proença

INTERVALO ANALÍTICO

Editora: Sandra Gonzaga e Silva Coeditores: Sonia Bromberger e Claudio Frankenthal/Consultoria Editorial: Jean Claudio Santana (MT 26263/RJ) Projeto Gráfico e design: Luiz Berri/ Execução Gráfica: Celyne Alvim

A ASSOCIATIVIDADE e suas Extensões

SANDRA GONZAGA E SILVA

OSCAR PAIXÃO CARRERA

Fazendo parte das comemorações dos 100 anos de fundação da IPA, uma platéia muito atenta lotou o amplo anfiteatro do IPUB para assistir René Roussillon, que de uma maneira bem coloquial nos trouxe os complexos estudos que vem realizando.

Admar Horn nos apresentou o conferencista com precisão e a amabilidade de sempre, preparando-nos para o que íamos escutar, com o delicado auxílio de Bia, que nos traduzia tudo o que era comunicado.

A Associatividade e suas Extensões foi o texto utilizado por Roussillon como a base teórica que lhe permitiu realizar uma agradável exposição de suas idéias.

Roussillon percebe a psicanálise sufrendo questionamentos de várias correntes científicas e então dedica-se a estudar algo que seja específico de nossa especialidade e que ao mesmo tempo possa ser aceito de maneira inquestionável pelos demais. Ele entende “haver um interesse político na questão de centrar a psicanálise na associatividade e seus reguladores”.

Com essa finalidade destaca a ca-

racterística da Associatividade como o conceito fundamental presente em todo o tipo de teorização ou prática de nossa especialidade.

Este importante conceito freudiano bastante utilizado por vários autores pós-freudianos surge em seus primeiros trabalhos: As Afasias, O Projeto, Sonhos, sendo aprimorado nas duas metapsicologias e mantendo-se fundamental até seus últimos escritos já no exílio em Londres.

Segundo Roussillon “a razão de ser da prática analítica” está em possibilitar uma maior liberdade para as cadeias associativas, pois será através destas associações que estarão reveladas as relações existentes no psiquismo humano.

Ele continua seu ponto de vista, lembrando que num mesmo grau de importância representações verbais com as quais trabalhamos com pacientes neuróticos poderão associar-se à outras não verbais, que desencadeiam por exemplo condutas antisociais, delinquências, comuns naqueles pacientes considerados como de difícil acesso.

Roussillon os qualifica como “patologias narcísico identitárias” por terem



Roussillon

“modos de associatividade que não se deixam apropriar pelo aparelho de linguagem verbal”.

Como tratá-los?

Aqui entrariam as extensões sugeridas por Roussillon.

Ótimos questionamentos muito bem conduzidos por Roussillon e Admar, que me reavivaram cadeias associativas, me reprimando aos anos 70, ainda em Buenos Aires, quando encantado ouvia Serge Leclair que nos falava de “Les mots vivant et les mots mort”.

Palavras vivas, significativas que nos tocam e estimulam efetivamente.

Assim foi uma brilhante e atemporal noite no IPUB com René Roussillon e a Associatividade.

CONVERSAS DE RENÉ(S)

As ideias de Roussillon com sua precisa ancoragem metapsicológica puderam ser apreciadas em sua vertente clínica no encontro de René/Renata com o jovem paciente trazido por ela para a conversa teórico-clínica que aconteceu em nosso auditório 1 dia após a brilhante conferência que Oscar tão bem resenhou acima

SANDRA GONZAGA E SILVA

Com uma fluidez de pensamento que acompanhou o relato claro e delicado de Renata e antes mesmo de ouvir a sessão, René desenhava aspectos que percebeu como importantes no entendimento do caso. Enfatizou as falhas na relação primitiva com a figura materna, uma decepção no encontro primitivo com o objeto, afirmando que relaciona a melancolia que identifica no paciente em questão, com esta decepção com o objeto primário e que resultou numa identificação narcísica com a mãe, com seus desdobramentos de dificuldades no acesso à masculinidade. Acredita que um objetivo importante desta análise será permitir que o paciente possa expulsar a marca da sombra deste objeto arcaico possibilitando-o



viver momentos agressivos ao invés de engolir sua raiva e se alcoolizar. A partir da descrição da sessão estes entendimentos foram confirma-

dos e aprofundados. Foram abordadas as noções de masoquismo pós-traumático, manejo da transferência e da interpretação, tudo isso a partir de um olhar extremamente respeitoso e valorizador do lugar de Renata como analista, enfatizando o longo percurso que ela teria pela frente junto com seu analisando.

Não poderia encerrar este comentário, sem frisar o clima extremamente agradável da noite, marcado pela sedutora simpatia de Roussillon e pela beleza, ousadia e profissionalismo de Renata e conduzido/traduzido primorosamente por Admar com a ajuda preciosa de Bia.

SESSÕES CLÍNICAS

A palavra inacessível e a imagem com a função da comunicação: a análise de um adolescente através de “mangás” e outras coisas mais

SONIA BROMBERGER

Ana Maria Sabrosa enlaçou nossos corações e mentes desde o título que deu ao seu trabalho, apresentado lindamente a uma platéia repleta, que atenta, saboreava fascinada e interessada sua bela e competente tradução da análise de um adolescente.

Seu relato fluía costurando com rigor e precisão conceitos freudianos, em especial o de representabilidade, e de outros autores, às tramas de sua singular vivência clínica, descrita com a enorme sensibilidade e delicadeza com que esta incrível jornada para dentro de uma alma se deu...

É verdade, como Ana diz em sua introdução, existe algo que se passa na relação analítica que não podemos exprimir em palavras. Mas ela nos transmitiu este acontecer sim! Com seu texto claro, transmitiu-nos muito mais do que conceitos e compreensão psicodinâmica do caso e do processo analítico. Escutamos o desenrolar das sessões em suspense emocionado, como numa novela dostoiévskiana, acompanhando a miséria interna do seu paciente, cuja única via de expressão era, desde o início e durante grande parte do processo analítico, a da descarga sensorio-motora. Desdém e violência verbal e mesmo física formaram um muro resistencial ancorado em transferência negativa, altamente provocador e desafiante para a analista, testada ao limite de suas capacidades e produzindo turbulências contratransferenciais. Contudo, paciência, um suficiente e bom investimento narcísico no seu paciente (sem mencionar, é claro, seu talento como analista), foram e têm sido as ferramentas básicas de Ana para a construção de um enlace, aliança terapêutica selada com o anel-que-tu-me-deste que não era de vidro e não se quebrou... Pelo contrário, no solo da confiança conquistada a conta gotas em semanas

e meses de sessões difíceis, a força do amor de transferência se impôs, e viscejou um lento e comovente processo de subjetivação, obra ainda em progresso. Esta tocante construção foi muito bem documentada nos desenhos e pelos mangás (estórias ilustradas ou lidas) em dia-

positivos projetados, legendados por Ana, que os ia decifrando/significando para nós. Na linguagem expressiva do conturbado mundo interno daquele garoto, fomos todos vendo desenrolar-se o nascimento de um sujeito, que nas produções mais recentes claramente representou-se como o bebê no colo de um casal parental e como um menino que almeja existir. Embora a quase unanimidade das intervenções dos presentes tivesse enfatizado a experiência emocional de compartilhar do relato, também questões sobre a elasticidade do setting e a técnica necessária e/ou possível no trabalho com adolescentes, sobre especificidades da adoção, sobre prognóstico e sucesso terapêutico em casos como este, foram temas discutidos. Ao final, um comentário algo pessimista do Oscar sobre a sutura e reconstrução que a análise pode ou não operar em casos assim, provocou a defesa apaixonada da Ana, obviamente, e de outras muitas vozes. A análise como esperança de um funcionamento psíquico e portanto de um desenvolvimento mais integrado, graças ao feliz encontro deste jovem paciente com uma analista que lhe decifrou os ruídos e garranchos, transformando-os em linguagem. Há que ter ouvidos para ouvir e entender estrelas...



Promessa de verão!



Celebrar a troca de experiências clínicas e o que é possível mantermos no psiquismo da experiência, propriamente dita, da sessão, para discussão e pesquisa do método psicanalítico. Noite dessas, fui à Sociedade com o mesmo sentimento que temos com a promessa do verão — luz, cheiros e cores e o despir de roupas que nos pesam no corpo —. Fui ouvir e participar da conversa entre dois mestres e amigos, Celmy Quilelli e Ney Marinho. Com generosidade, paixão e interesse pelo conhecimento compartilharam conosco a intimidade do campo

psicanalítico. Celmy vaga, perambula pelas ruelas, caminhos e descaminhos dos inconscientes presentes na sessão, até encontrar um ponto de luz, e Ney a segue, cuidadoso, carinhoso, vigoroso carregando na mente e no coração a cartografia do velho companheiro Bion. Que beleza, acompanhá-los no olhar sobre uma sessão! Despindo-se das carapaças que mascaram as dúvidas e tropeços, Celmy mostra o perscrutar, os medos e emoções que atravessam cada sessão de análise, cada encontro com os nossos pacientes. Ao final, a alegria de saber que a arte do encontro, no setting, na Sociedade, ou na vida é verdadeira e possível.

Parabéns a eles, e aos presentes, foi uma noite quente e brilhante como um dia de verão!

WANIA MARIA COELHO FERREIRA CIDADE

PROGRAMAÇÃO CIENTÍFICA

BERNARD MIODOWNIK

No mês de novembro encerra-se a gestão do atual Conselho Científico. O momento é de agradecimentos a todos que prestigiaram os eventos ao longo desses dois anos com sua presença, interesse e participação nos debates, em especial aos colegas que se dispuseram a apresentar trabalhos ou sessões clínicas

Certamente a vida científica de nossa Sociedade ficou mais sólida e enriquecida com essa ampla participação de expressivos comentários e opiniões durante as discussões científicas. Acredito que todos nós passamos a conhecer com mais intensidade o pluralismo da SBPRJ, o que pode ser destacado como o ponto mais positivo desta gestão.

O que o Conselho Científico realizou não seria possível sem um grupo continuamente ativo com suas reflexões que levaram a uma programação consistente. Quero destacar o trabalho essencial de Marly Dias na secretaria do Conselho, de Eliane Cotrim na agenda, de Teresa Mancini nas sessões clínicas mensais, de Cristina Amendoeira no Departamento de Pesquisa, de Maria Helena Junqueira, no Departamento de Psicanálise e Cultura e de Marly Hakak e Carolina Quintanilha como representantes dos agora membros provisórios. A elas, acresça-se Luiz Fernando Gallego no Psicanálise e Cinema, Carlos Doin no Fórum Livre de Psicanálise e Sandra Gonzaga nos Encontros do Café como integrantes dessa programação.

Não muito poderia ser realizado sem o apoio constante de Pedro Gomes na presidência do Conselho Diretor.

11/11 - Reunião Científica | 21h15 Edna Vilete da SPRJ é nossa convidada para debater sobre “Reanálise” um tema pouco discutido, apesar da sua importância.

17/11 - Encontros do Café IV | 21h15 Dando continuidade à interface entre Psicanálise e Literatura teremos uma discussão sobre “Silêncio”. Jose Castello, crítico literário e Maria do Carmo Palhares debatem sob a coordenação de Sandra Gonzaga.

18, 19 e 20/11 - Nesses três dias teremos um evento conjunto como parte do intercâmbio SBPRJ/CPLP, tendo como convidado especial o Prof. Boia Efraime Jr., de Moçambique: Conferência sobre ação terapêutica em contexto transcultural; Psicanálise e Cinema e Dia da Consciência Negra com atividades dedicadas ao tema preconceito (vide programação anexa).

CONGRESSO DE BOGOTÁ

Continuação da capa - Aliás, esta animação dos corredores também refletia um problema que várias vezes escutei concordando: a quantidade de trabalhos apresentados. Por um lado, resolve-se a questão da frequência: se quinhentos trabalhos serão apresentados, teremos pelo menos uns setecentos psicanalistas

inscritos, isto é, os apresentadores e mais os amigos; por outro lado, não deixa de ser frustrante para quem se preparou tanto, ter seus minutos quase infantilmente contados e divididos criteriosamente pelos outros “coleguinhas” da mesa e/ou pelos outros “coleguinhas” que precisam usar a sala também. E nós, tão ego-

ístas, queríamos continuar falando ou, tão ansiosos, queríamos entrar logo sem deixar a sessão anterior acabar.

Não sei como resolver isso ou se a forma atual dos congressos já é a solução encontrada para que nos frequentemos uns aos outros.

Ah, o congresso era sobre Transferência, Vínculo e Alteridade. Et pour cause.

O LUGAR DO ANALISTA: OFÍCIO DE “EXTRANJERÍA”

O XXVIII Congresso Latino-Americano de Psicanálise, realizado na cidade de Bogotá, girou em torno dos temas transferência, vínculo e alteridade. Esta última entrelaçando todas as apresentações a que pude assistir, sendo alçada a um patamar de maior importância, lançando luz ao enfoque de transitar nos campos do eu e não-eu. Em um congresso em que a língua “oficial” era o espanhol, embora muitos brasileiros presentes, passo a relatar um pouco da minha experiência no trânsito entre o estranho e o familiar. Dois trabalhos me chamaram atenção, dentre muitos outros certamente com alta qualidade.

Um deles teve como tema “Anorexia mental”, de Carlos Federico Bianchi (APA), apresentando o atendimento de bebês com anorexia. Com base em um vídeo sobre um caso de anorexia no segundo semestre de vida, Federico relatou a sua experiência, de cerca de 15 anos, com bebês com sintomatologias graves, e coloca que no primeiro semestre de vida os casos são mais leves. A mãe da criança com uma personalidade narcísica, invasiva, e um pai alheio ao contexto familiar e ausente afetivamente; a questão da alteridade

completamente comprometida pelo fusio-namento mental que viviam, impedindo a possibilidade deste bebê existir e desejar. O analista introduz o pai na cena familiar, criando uma dinâmica nos encontros em seu consultório completamente diferente do que se passava na residência deles, levantando também alguns pontos sobre a técnica. Em um jogo de espelhamento com a criança, o analista é observado se alimentando, sendo alimentado pelo pai e pela mãe, criando um espaço onde é possível brincar buscando a mamadeira com leite, abrindo a trilha para o desejo de um sopro de vida. Belíssimo.

O trabalho “Oficio de Extranjería. Puntualizaciones sobre el lugar del analista”, de Mariano Horenstein (APC), também premiado na Argentina com o trabalho “Psicoanalizar después de Auschwitz”, nos remete ao vigor e atualidade da psicanálise. Citando três vinhetas clínicas de pacientes com demandas diferenciadas, trata da questão do lugar do analista, cujo ofício é marcado pela alteridade e estranheza, experiência do estranho. Habitado pelo inconsciente estrangeiro suporta ser o que se apresenta na cena analítica. A transferência como lugar privilegiado da

emergência dos “outros” que marcaram a vida do sujeito, também possibilita a transformação e criação de novas saídas. Lidando com a própria “extranjería” inconsciente, sentimentos e emoções, transitando entre a tragicomédia imaginária, o universo simbólico e o real radical, o analista necessita avaliar a dimensão deste extravio que sofre, utilizando os instrumentos possíveis de auto-análise e reanálise. O autor lembra Derrida, definindo o “extranjero” (no livro *La hospitalidad*, 2006) como o portador da pergunta. Ousa, assim, definir a psicanálise como a disciplina das perguntas. Então, questiona-se ao final: “Cómo convertir en próximo al más extraño o diferente?” e “Cómo convertir en extraño lo más próximo?” Questões fundamentais que nos atravessam em várias instâncias da vida, desde a escolha dos livros de cabeceira, passando, “por supuesto”, pelo analista e supervisor. O analista busca a interpretação que permite ao analisando escutar-se de maneira diferenciada, transformando os entendimentos saturados em novas possibilidades de interlocução. Mas quando, afinal, não há mais nada a contar?

LÚCIA PALAZZO

Psicanálise & Cinema

LUIZ FERNANDO GALLEGO

O projeto Psicanálise & Cinema, depois de manter o interesse dos colegas durante o primeiro semestre de 2010, não vem tendo a mesma presença de psicanalistas nos recentes encontros, apesar dos filmes com temas francamente psicanalíticos: sonhos e o mal-estar na civilização, respectivamente em “Sonhos” de Kurosawa e “O Senhor das Moscas”, baseado no famoso romance de Sir William

Golding. Tanto Aida Ungier no debate de setembro, como Jeremias Ferraz no de outubro, corresponderam totalmente ao que lhes foi solicitado: Aida escreveu um belo trabalho sobre os sonhos de Kurosawa (que faria 100 anos se estivesse vivo) em relação

aos 110 anos da publicação do livro-marco de Freud sobre o tema; e Jeremias desenvolveu com riqueza de detalhes a provocação feita (“a cultura, a civilização - elas que se danem? Não!”).

Mas a grande maioria dos presentes eram pessoas de fora, não-psicanalistas. Bem-vindos, claro, mas será que esquecemos esse exercício lúdico de brincar enquanto pensamos? Freud aprendia e aprendia psicanálise com grandes obras de arte de Sófocles, Shakespeare, Dostoiévski, Ibsen, Stefan Zweig, etc. E por isso também tivemos fil-

mes baseados em grandes romances escritos na época do surgimento da Psicanálise: “O Grande Gatsby”, de F. Scott Fitzgerald em julho e “Época da Inocência”, de Edith Wharton em agosto. Dois filmes de enorme beleza plástica, comentados por Susana Schild e Gallego (“Gatsby”), e por Marci e pela professora de literatura Peonia Guedes (para o filme de Martin Scorsese).



Ainda teríamos outros grandes filmes-romances para debater, mas será que esta atividade ainda interessa ao corpo societário? Por mais instigantes que tenham sido os encontros exatamente em seu recorte psicanalítico, havendo tão poucos colegas presentes (apenas 6 em um dos encontros, e pouco mais nos outros), precisamos refletir a respeito.

Encerrando o ano (e talvez o projeto?) teremos em 19 de novembro a colega Leila Ripoll da EBEP, de orientação lacaniana e interessadíssima em debates culturais para comentar o filme inédito nos cinemas “Tabu” (“Towelhead” no original), de Alan Ball, sobre perversões e preconceitos; e o título de debate (outra provocação) é: “Existe um preconceito muito forte separando você de mim”.

CAFÉ LITERÁRIO

Sandra Gonzaga e Silva

Na resenha do último Intervalo eu falava da participação de público externo como sendo a tônica de nossos encontros. Pois é, para me contradizer e afirmar o movimento que subjaz a toda a atividade que se propõe aberta, tivemos no Café de setembro uma presença predominante de colegas da Sociedade. Junto com Eliane Pessoa, Luiz Fernando Silva, Maria do Carmo Palhares, Paula Richaid, Sonia Bromber-

ger, Vera Chaon e Zé Candido, conversamos com tempo e prazer sobre as deliciosas cartas dos netos para Zé nos seus 90 anos, ouvimos um texto de sua autoria falando da magia do circo e passeamos por Portugal e Rússia levados por Saramago, Sophia de Mello Breyner e Dostoiévski e mais um autor português cujo livro Eliane encontrou numa livraria de aeroporto e nos trouxe com leitura recém iniciada e



revelando suspenses. O nome do autor? Outro suspense, fico devendo.....

Notícias do site

www.sbprj.org.br

Este mês publicamos dois novos artigos:

- “Com que roupa eu vou?” de Celmy A. Quilelli Correa – O artigo encontra-se em Publicações / Artigos e também em Área Restrita, na íntegra.
- “Ferenczi e a Contemporaneidade” de Jane Kezem – Publicações / Artigos. No Congresso da Fepal, em Bogó-

tá, aconteceu encontro com as Sociedades da América Latina para discutir a comunicação eletrônica através dos sites. Nosso site foi elogiado e considerado bastante avançado. O próximo passo será colocá-lo conectado com o site da IPA e da FEPAL onde cada psicanalista terá possibilidade de ter sua própria página.

No próximo mês ampliaremos

a página inicial do site para compor maior número de informações e também criaremos uma nova área, *Salade Imprensa*, para deixar disponível informações institucionais e as matérias que aparecem na mídia à respeito da SBPRJ e nossos membros. Aguardem.

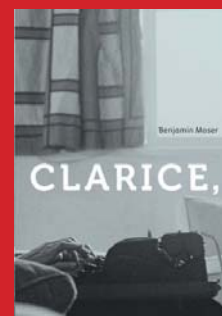
Nazli Sasson
nazli@bigghost.com.br

DIVAGAR É PRECISO

Clarice,

Histórias sobre Clarice Lispector é que não faltam. No ano passado (2009) o escritor e jornalista americano Benjamin Moser lançou uma biografia que introduz Clarice, (vírgula). É assim que nos aproximamos das experiências de Clarice, acrescentadas de inúmeros fatos e relatos de sua vida dentro e fora da literatura. Essa vírgula excede a escritora legitimando sua vida íntima, apresentando detalhadamente seu percurso como pessoa do nascer ao morrer (1920–1977). Assim podemos constatar que sua obra se interliga com sua existência oferecendo-nos um sentido humano do quanto é possível permanecer viva apesar de dores e perdas terríveis, suas e de seus familiares. A partir daí sua biografia percorre as origens e a travessia existencial desta escritora tão singular, unindo seus textos literários, seus personagens, suas entrevistas, com momentos pessoais cuidadosamente pesquisados pelo autor. Esta busca o levou a viajar concretamente pelos locais do nascimento e da infância de Clarice. Por onde passou, conversou e se envolveu, com quase tudo que esteve em volta da história de sua biografia. Ao final concluímos que não há abismo entre vida e obra, a não ser os abismos apresentados pela própria Clarice quando nos diz: “viver não é viver”. Ou quando após uma viagem ao Egito lhe perguntaram se ela havia decifrado o enigma da esfinge. Respondeu: “eu não decifrei, mas ela também não me decifrou”.

MARIA DO CARMO PALHARES



FICHA TÉCNICA

Título: CLARISSE,
Autor: Benjamin Moser
648 páginas
Editora : Cosac Naify